

RUPTURA E INOVAÇÃO NO PROCESSO AVALIATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA NA UFPE

Julia Amanda Medeiros de Souza Silva (1); Flávia Ariane Santos de Lima (1); Ernani Nunes Ribeiro (2);

¹*Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória,
julia.ams@hotmail.com*

¹*Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória,
flavia-yanka@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, núcleo de Biologia,
ernaniribeiro@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Pensar em avaliação no contexto universitário é sempre um desafio para o docente. Uma das maiores dificuldades em avaliar é quando se compreende que os discentes têm necessidades diferentes e devem ser trabalhadas de forma contínua. Quando não se entende o papel da avaliação, a mesma é utilizada como ferramenta para rotular quem é “bom” e quem é “ruim”. Ela deve ser instrumento que aponte os pontos positivos e negativos, mas não como processo decisivo da aprendizagem. “Além disso, o professor terá a oportunidade de saber o que é avaliação e verificação, que caminhos deverá seguir para o sucesso de todos os envolvidos, o que fazer com educandos que não tiveram sucesso durante o fazer pedagógico, ter a avaliação da aprendizagem escolar como um processo e não um fim e entender principalmente que os aspectos qualitativos avaliativos devem se sobressair aos quantitativos, conforme prega a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96).”

Os instrumentos mais utilizados para se avaliar são as provas teóricas e práticas, trabalhos individuais e em grupos. Muitos docentes não sabem como avaliar e acabam transformando esses métodos num processo de cobrança de conteúdo, submetendo os discentes a decorar ao invés de incentivar o desejo de aprender e tornar o ensino motivacional. Segundo Hadji (2001), muitos docentes se esforçam para executar uma avaliação mais “inteligente”, capaz realmente de ajudar os discentes a progredirem. No entanto, a maioria dos docentes ainda realizam frequentemente essa avaliação como um peso, ou como um freio, ou ainda tempo perdido, mais do que como uma ferramenta eficaz a serviço de uma pedagogia dinâmica.

Avaliar todo o processo de evolução na aprendizagem do educando não é simples. É preciso entender que a avaliação deve ser processual, diagnóstica e construtiva. Essas três abordagens estão relacionadas e sendo usadas para construir modos de avaliar o discente durante todo seu desempenho, levando em conta seus conhecimentos prévios também. O modelo construtivista propõe uma nova relação entre professor, educando e conhecimento, partindo do princípio de que o discente não é acumulador e repetidor de informações recebidas. O discente é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento (MORETO, 2008). Segundo os construtivistas, o docente também se auto-avalia podendo mudar sua abordagem para melhor desenvolvimento no decorrer da sua disciplina. A avaliação diagnóstica vai sondar e dar elementos para que o discente verifique o que aprendeu e como conseguiu absorver o conteúdo abordado. É uma forma de entender como o discente foi capaz de buscar

conhecimentos e quais dificuldades enfrentou para adquirir. Desse modo docente e discente conseguem refletir sobre como e onde reajustarão seus planos. A processual também compactua com a diagnóstica, no qual se utiliza da avaliação inicial quais as condições do aprendente e como ao longo do processo ele conseguiu melhorar, ou se resta ainda dificuldades.

Para Haydt (2000) faz parte do trabalho docente, verificar e julgar o rendimento dos educandos, avaliando os resultados do ensino, a avaliação sempre estará presente na sala de aula, fazendo parte da rotina escolar, portanto, é responsabilidade do docente aperfeiçoar suas técnicas. Com isso o objetivo dessa pesquisa, é relatar uma experiência inovadora feita por um docente da Universidade Federal de Pernambuco que realizou uma avaliação em que o objetivo era fixar, ampliar e pôr em prática os três tipos de avaliação: processual, diagnóstica e construtiva. Os estudantes precisavam pesquisar, buscar conhecimento além da sala de aula e conectar com a realidade. Ao realizar entrevistas com os discentes do primeiro período de Ciências Biológicas sobre a prova da disciplina História e Filosofia da ciência, observamos a utilização dos três tipos de avaliação a fim de compreender o método utilizado e seu impacto de forma positiva ou negativa.

METODOLOGIA

A avaliação foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória, com 45 discentes matriculados no primeiro período de Ciências Biológicas na disciplina História e Filosofia da Ciência. A entrevista foi pensada em torno da prova aplicada pelo Professor Mestre Ernani Ribeiro, uma avaliação que consiste em perguntas elaboradas em torno do que foi trabalhado durante a disciplina. A avaliação foi dividida em três fases. A primeira fase da prova foi proposta para os discentes que pesquisassem sobre Biotecnologia em artigos, descrever e demonstrar os lados positivos e negativos das pesquisas para o futuro da humanidade. Na segunda fase eles deveriam realizar uma entrevista com dez pessoas de gêneros e faixas etárias diferentes de como será a educação no futuro. Após as pesquisas e entrevistas acabarem, os discentes iriam relacionar as respostas com a pesquisa sobre Biotecnologia, além de comparar com as propostas trabalhadas em aulas em cima do livro Homo Deus e os Setes Saberes.

Em trabalho com o Professor Ernani, observamos a avaliação como um todo e encaixamos dentro dos tipos de avaliação citados, entendendo que cada aluno teve sua dificuldade e facilidade particular, o que foi bastante desafiador já que a prova foi realizada em grupo. A entrevista do tipo qualitativa, e mini estruturada, foi realizada em cima de sete perguntas pensadas para entender a singularidade de cada um, as dificuldades durante o processo e angústias relacionadas à avaliação como um todo. Participaram individualmente, 15 voluntários, e com a autorização utilizamos gravador para obter as respostas. Um a um foi chamado na sala, com as perguntas em mão e no seu tempo, conversamos sobre suas percepções sobre a avaliação no decorrer da disciplina. Neste momento, estamos na fase de análise dos dados. Nossa hipótese, é que os educandos consigam ampliar o entendimento sobre o conteúdo afim de que eles possam discutir o tema com propriedade com diferentes perspectivas sociais.

Perguntas realizadas no dia da entrevista:

- 1- Qual o papel da avaliação no processo de ensino- aprendizagem?
- 2- Como você se sente quando é anunciado uma prova?

- 3- Como foi o processo de respostas da prova?
- 4- Relatos mais impactantes?
- 5- Houve aprendizado?
- 6- Houve relação entre o conteúdo da aula dada pelo Professor Ernani e a avaliação?
- 7- A avaliação complementou a disciplina?

RESULTADOS

Separamos as respostas por semelhanças entre si, obtendo primeiramente uma análise geral.

1 - Quatorze discentes acham que a avaliação é importante para que ocorra o entendimento entre aluno e professor, serve para amarrar toda a disciplina trabalhada em aula e ajuda a fixar o assunto proposto. Os mesmos disseram desenvolver o senso crítico, precisaram pesquisar, ler, ir atrás para obtenção das respostas. Apenas um discorda, prefere os métodos diferentes, como seminários.

2 – Todos os discentes responderam que logo após o anúncio de uma prova, principalmente nas disciplinas que sentem mais dificuldades, se sentem tensos e ansiosos. Não saber o que esperar de uma prova é a principal causa da tensão.

3- A dificuldade envolveu a parte de se trabalhar em grupo e conseguir distribuir por igual o que cada um poderia contribuir. O fato de algumas opiniões não coincidirem e ter sido feito debates também fizeram parte do processo de resposta. A maioria teve dificuldade na parte de encontrar os artigos. Para outros a maior dificuldade foi organizar a prova e colocar em ordem.

4- Os relatos mais impactantes foram sobre as entrevistas feito com crianças, adultos e idosos. Uns ficaram felizes com os resultados obtidos outros bastante assustados com as pessoas que ainda não sabiam falar sobre Biotecnologia.

5- Todos concordaram que teve bastante aprendizado, a prova serviu para “amarrar” todos os assuntos trabalhados em sala, todas as leituras e o filme serviram para que desenvolvessem a prova com mais facilidade, e que o aprendizado adquirido foi proveitoso.

6- Todos afirmaram entrar na Universidade com um pensamento diferente, e agora estão construindo em si próprio, pessoas que pensam “fora da caixa”, em busca sempre de perspectivas além do que podiam imaginar. A aula trabalhada em cima dos livros, de filmes, deu a ferramenta para que se sentissem confiantes em realizar a prova e relacionar tudo no final.

7- Todos afirmaram que a prova serviu como complemento para todo conteúdo visto.

DISCUSSÃO

Durante a obtenção das respostas, alguns educandos se sentiram receosos em dar a entrevista, mesmo depois da divulgação das notas, pois temeram ter que criticar sobre algo. Percebemos que a avaliação se encaixou dentro das expectativas em pesquisar sobre os tipos de avaliação processual, diagnóstica e progressiva. A abordagem do professor enviando uma

prova com trinta dias para entrega e sendo feita em grupo parece bastante simples, mas na verdade foi alvo de estudo e dedicação para se encaixar dentro dos tipos de avaliação.

As respostas foram bastante positivas e até uma surpresa, pois além de trabalhosa, a prova requeria dedicação e muita leitura, pesquisa e interação do grupo para conseguir organizar todo o roteiro de resposta. Cada discente utilizou do seu aprendizado e entendimento para nossa entrevista, sendo expressivos e menos receosos quando as perguntas eram feitas.

A primeira pergunta voltada para o papel da avaliação no processo de ensino-aprendizagem já não entendida mais como uma obrigação realizar uma prova, independente da disciplina, mas sim como um método de estudar as dificuldades de cada aluno para modificar a abordagem.

A segunda pergunta mexeu muito com a maioria, pois o medo de ser avaliado sempre foi constante, mesmo tendo se preparado para tal, alguns ainda se sentem pressionados a decorar o assunto para responder do jeito que o educador pede.

Já na terceira e na quarta as respostas se complementavam, pois durante o processo de realização conseguiram relatar as emoções que sentiram em entrevistar as pessoas, entender como o mundo ainda tem acesso a informações equivocadas e outros têm informações que nem os próprios discentes sabiam.

Na quinta questão os entrevistados disseram que foi uma prova onde se obteve muito aprendizado, pois precisavam pesquisar, ler, compreender, passar para o grupo, correlacionar etc. Foi trabalhosa, mas valeu a pena o esforço.

Na sexta questão, procuramos saber quais relações eles fizeram com todo conteúdo da disciplina aplicado em aula e como isso contribuiu no final após a realização da atividade. Muitos educandos conseguiam relacionar e fazer conexões, a maioria disse que teria dificuldade em realizar sem um conhecimento prévio. Com a ajuda do Professor retirando dúvidas, puderam responder sem medo de errar, pois sabiam que estavam sendo avaliados pelo trabalho desenvolvido durante as aulas e interações.

Na sétima, todos afirmaram que a avaliação serviu para complementar o que foi abordaram em aula e que gostaria que as provas fossem de um jeito processual, por etapas e com pesquisas, assim conseguem aprender e construir seus próprios conhecimentos.

De acordo com Haydt (2000) ele defende que a avaliação deve ser compreendida como um processo dinâmico de permanente interação entre educador e educando no apontamento e no desenvolvimento de conteúdos de ensino-aprendizagem, na seleção e aplicação de suas metodologias, bem como no diagnóstico da realidade social, visando a mudança comportamental do educando e do seu compromisso com a sociedade. Assim o processo avaliativo deve decorrer em função do discente, a fim de promover e despertar o interesse do mesmo. Um dos propósitos da avaliação diagnóstica é informar ao docente as habilidades e nível de busca pelo conhecimento do seu educando. “Cabe a figura do professor verificar as habilidades prévias e trabalhar dentro das dificuldades apresentadas.” (HAYDT, 2000).

CONCLUSÃO

O planejamento da pesquisa trouxe pontos positivos e a serem aperfeiçoados. Diante das entrevistas conseguimos ter a percepção de cada discente em relação a uma avaliação não tradicional e consideramos que os métodos foram aceitos e compreendidos por parte de ambos, docente e educando. Apresentar aos educandos uma avaliação com peso e ao mesmo tempo desafiadora poderia gerar conflito, além de ter que fazê-la em grupo, porém os impactos da realização da prova e da entrevista foram além do esperado. Os discentes se surpreenderam com o tipo de avaliação fora dos padrões e serviu para que obtivessem um olhar crítico e amplo diante sobre o contexto temático apresentado. As entrevistas nos mostram que o caminho da utilização desses tipos de avaliações, onde trabalhamos os conhecimentos prévios, tiveram pontos bastante positivos, observamos ao longo das aulas o desempenho e dificuldades que podem ser trabalhadas gerando conforto entre os educandos. Por fim, concluímos que sentir segurança em realizar uma atividade é o caminho para se obter um bom resultado e aprendizado.

REFERÊNCIAS

HADJI, Charles. *A Avaliação desmitificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001

HAMZE, Amélia. *Avaliação escolar*. *Brasil Escola*, 2007.

HAYDT, Regina Cazaux. *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2000.

LEI DAS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, Lei nº 13.666, de 16.5.2018 · L12796 · Lei nº 13.632, de 6.3.2018 · L12061

MORETO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008